

Lucas Eduardo Lipke, quem sou?

Eu me chamo Lucas Eduardo, meus pais me planejaram com muito amor e carinho, sempre fui um sonho para eles, até que eu me tornei uma realidade. Mamãe e Papai, quando descobriram que eu existia, ficaram muito felizes. Todo mês eles iam ao Doutor ver como eu estava, até que, no sétimo mês de gravidez, mamãe e papai descobriram que eu teria uma das cardiopatias mais graves do coração, a Hipoplasia do Ventrículo Esquerdo. Foi aí que começou a nossa luta para me salvar. Mamãe e Papai tiveram que ir para Porto Alegre para eu nascer no Instituto de Cardiologia. Nasci no dia 28/11/2007, e fui direto para UTI. Mamãe e Papai nunca me deixaram sozinho e eles rezaram e continuam rezando muito, sempre acreditando que eu irei vencer essa batalha. Com três dias de vida fiz a minha primeira cirurgia, a qual foi um sucesso, seguindo a técnica do médico norte-americano Mark Galantowicz. Fiquei muitos dias na UTI e depois no quarto, até que a minha Dra. Cardiologista Estela S. Horowitz, no mês de Janeiro de 2008, me liberou para conhecer minha casa e minha cidade. Foi um dia muito feliz, Papai e Mamãe saíram comigo do hospital e, como dois bobos, eles não sabiam nem fazer uma mamadeira direito para mim, sem falar da insegurança que eles tinham para me pegar e me cuidar, pois, além de ser um bebezinho, eu tinha passado por essa cirurgia de alto risco.



Durante o ano de 2008, íamos quinzenalmente a Porto Alegre fazer acompanhamento médico. Tive que fazer dois cateterismos também, e aos oito meses de vida eu tive que enfrentar mais uma cirurgia, a pior e mais perigosa de todas. Mas, como Deus é maravilhoso e ele tem um grande propósito para mim, mandou o Doutor norte-americano Mark Galantowicz, ao Brasil para divulgar essa nova técnica que em Ohio, Estados Unidos, vêm salvando vidas. Posso dizer que eu sou um menino privilegiado, pois entrei para história como o primeiro bebê gaúcho a sobreviver a procedimentos desta complexidade no coração. Dr. Mark realizou a cirurgia que durou em torno de 8 horas e foi um sucesso. Minha recuperação surpreendeu a todos e em quinze dias eu estava novamente em casa com os meus pais. Os acompanhamentos médicos em Porto Alegre passaram a ser trimestrais, e estou muito Forte e Feliz. Sou um menino valente e agora, quando eu completar dois anos de idade, vou ter que enfrentar uma nova cirurgia e esta terá que ser feita em Ohio, Estados Unidos, e meus pais vão ter que arcar com os custos da operação que, custa em torno de R\$ 150.000,00. Por isso, contamos com a Solidariedade de todas as pessoas amigas, sendo que, uma Ação entre Amigos está sendo comercializada e, maiores informações podem ser obtidas através do e-mail cleia@orientadorsc.com.br. Serão sorteados cinco prêmios, entre eles uma moto e um notebook, e cada número tem custo de R\$ 10,00. Cartelas estão à venda junto ao Escritório Orientador, na Rádio Olinda FM e no Jornal Folha Cidade. Se alguém dos meus amigos quiser fazer algum depósito tenho duas contas criadas em meu nome.

Na Agencia do Sicredi de Horizontina-RS conta nº 90913-0
Na Agencia do Bannisul de Horizontina conta nº 3912060908

Desde já, agradecemos a solidariedade de todos!
Dos pais Alexandre e Cléia



Lucas no colo de sua mãe, Cléia: ele fará nova cirurgia aos 2 anos de idade

A cardiologia fetal e pediátrica está em um patamar bastante avançado na detecção e cura de doenças, mas os diagnósticos precoces são imprescindíveis

Médico americano usa *know how* do IC-FUC para aplicar cirurgia de hipoplasia de VE

na busca de soluções para os problemas cardíacos em bebês. Muitas cardiopatias congênicas - terceira causa de morte neonatal no Brasil - têm hoje esperança de cura graças a novas técnicas de sobrevivência, baseadas em um cenário gaúcho bastante equipado, atualizado profissionalmente e de referência mundial na área.

Um exemplo da excelência atual da cardiologia pediátrica gaúcha é o avanço no tratamento oferecido nos hospitais especializados. No Instituto de Cardiologia, toda a metodologia é acompanhada desde o útero da mãe, onde as equipes da cardiologia fetal e pediátrica trabalham juntas para detectar precocemente possíveis problemas e buscar soluções para tratamentos antes e depois do nascimento, tudo in loco, ou seja, sempre no mesmo local de nascimento do bebê, garantindo mais qualidade e chances de sucesso para as ações a serem tomadas. A vinda do médico americano Mark Galantowicz para a realização da segunda etapa da cirurgia de hipoplasia de ventrículo esquerdo em um

bebê de oito meses em agosto mostra bem a busca pela excelência cardiológica no IC-FUC. Através de uma variação criada por ele, recém-nascidos com esta síndrome estão ganhando sobrevivência. Galantowicz, que é chefe do departamento de Cirurgia Cardiorrástica e co-diretor do Heart at Nationwide Children's Hospital, de Ohio, veio ao Rio Grande do Sul para aplicar a técnica cirúrgica, que tem três estágios, é muito delicada, e se não for tratada na primeira semana de vida, esta malformação congênita, diagnosticada no útero da mãe, na grande maioria dos casos leva a criança à morte.

No Instituto de Cardiologia, este procedimento é feito pelos médicos João Ricardo Sant'anna, Renato Kalil e Raul Rossi, e tem um diagnóstico pré-natal imediato no setor de Cardiologia Fetal do IC-FUC com o Dr. Paulo Zielinsky, além do acompanhamento da criança depois do nascimento pela equipe de cardiologia pediátrica do hospital, e no pós-operatório coordenado pela Dra. Estela S. Horowitz.

O que é e como é a cirurgia

A hipoplasia de ventrículo esquerdo é uma anomalia cardíaca de elevado índice de mortalidade, onde o bebê não apresenta o ventrículo esquerdo, o que é incompatível com a vida, já que não há circulação e oxigenação normal e conseqüente bombeamento do sangue para o corpo. A alternativa cirúrgica em três estágios desenvolvida pela equipe da Coloumbus University, chefiada pelo Dr. Mark Galantowicz e pelo Dr. John Cheatham começa já na primeira semana de vida com um procedimento híbrido, ou seja, a manutenção do equilíbrio hemodinâmico do coração através da colocação de bandagens nas duas artérias pulmonares e um stent no canal arterial. Chama-se de procedimento híbrido porque combina um procedimento cirúrgico (bandagem das artérias pulmonares) com um procedimento não-cirúrgico (implante de stent). No segundo estágio do tratamento que foi realizado pelo Dr. Galantowicz, modifica-se a forma que o coração funciona, fazendo com que o ventrículo direito seja a bomba principal do coração e a circulação pulmonar seja mantida através de um shunt venoso, com o uso de homoenxerto para a reconstrução de algumas partes do coração. Homoenxertos são os vasos cardíacos retirados de corações não-utilizados para transplantes. O menino de oito meses que fez a cirurgia no Instituto de Cardiologia realizou o primeiro estágio pela equipe cirúrgica e hemodinâmica do Instituto de Cardiologia - Dr. João Ricardo Sant'anna e Dr. Raul Rossi - e foi acompanhado pela Dra. Estela S. Horowitz para que ganhasse peso e chegasse aos oito meses em condições estáveis para o segundo estágio da cirurgia. O bebê Lucas Lipke passa bem e fará o terceiro estágio quando completar 2 anos de idade.